

[Re]missão: Retratos de um Sistema Penitenciário¹

Ana Paula IGUAL²

Armando LIMA³

Lilian CREPALDI⁴

Universidade Municipal de São Caetano do Sul, São Caetano do Sul, SP

RESUMO

O livro “[Re]missão – Retratos de um sistema penitenciário” mostra o trabalho de ressocialização existente no sistema prisional paulista por meio de reportagens fotográficas. O foco é uma narrativa de imagens que interpretam cenários deste contexto, todos apoiados por texto para amparar a reflexão do leitor. O projeto aborda questões relacionadas ao ambiente desse processo, a interferência do trabalho, o direito a educação e expressões de fé e pertencimento social. Também conta com personagens que simbolizam o presidiário em recuperação. Como procedimento de pesquisa, captação de imagens e apuração, foram visitadas nove penitenciárias do Estado de São Paulo e um presídio da Polícia Militar.

PALAVRAS-CHAVE: fotojornalismo; penitenciárias; ressocialização.

1 INTRODUÇÃO

Depois de pesquisar sobre vários assuntos para serem abordados no Trabalho de Conclusão de Curso, optamos por falar sobre um tema de interesse da dupla: o sistema prisional. No entanto, decidimos colocar o enfoque do projeto na ressocialização do presidiário e seu universo.

O formato de livro de fotojornalismo foi o escolhido primeiramente pelo fato dos integrantes serem fotógrafos. Além disso, o tema escolhido é rico em material visual e torna viável a ideia de uma reportagem fotográfica. [Re]missão – Retratos de um sistema penitenciário, realizado entre janeiro e outubro de 2013, é o primeiro livro de fotojornalismo da Universidade Municipal de São Caetano de Sul.

A narrativa construída tem como objetivo mostrar diversos lados do processo de ressocialização, como o acesso ao trabalho e educação, a prática da fé, demonstrações de pertencimento e personagens que, por meio de suas histórias, simbolizam a recuperação.

O livro de fotojornalismo [Re]missão – Retratos de um sistema penitenciário usa a fotografia para traduzir o universo da ressocialização dentro do sistema prisional paulista.

¹ Trabalho submetido ao XXI Prêmio Expocom 2014, na Categoria Jornalismo, modalidade Produção em Fotojornalismo-avulso.

² Aluna graduada em Jornalismo em 2013, email: anapaula.igual@gmail.com.

³ Aluno líder do grupo, graduado em Jornalismo em 2013, email: armando.jornalismo@hotmail.com.

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo, email: liliancrepaldi@uol.com.br.

Por meio de dois capítulos com 11 subcapítulos, fala sobre o ambiente em que esse processo se desenvolve e suas peculiaridades; sobre como o trabalho é peça fundamental e se faz presente nos presídios paulistas; trata do acesso a educação, desde a alfabetização até cursos profissionalizantes; a presença constante da fé; os símbolos que caracterizam uma relação de pertencimento entre os presidiários e com o mundo fora do presídio. Em outro capítulo, aborda histórias de vida de seis pessoas que estão em recuperação em suas respectivas penitenciárias.

O afrouxamento da severidade penal no decorrer dos últimos séculos é um fenômeno bem conhecido dos historiadores do direito. Entretanto, foi visto, durante muito tempo, de forma geral, como se fosse quantitativo: menos sofrimento, mais suavidade, mais respeito e “humanidade”. Na verdade, tais modificações se fazem concomitantes ao deslocamento do objetivo da ação punitiva. Redução de intensidade? Talvez. Mudança de objetivo, certamente. (FOUCALT, 1975, p.18)

A superlotação de presídios é tema frequentemente veiculado na imprensa brasileira, seja ela impressa ou audiovisual. O problema é evidente e facilmente diagnosticável. De acordo com reportagem do jornal Folha de S. Paulo, do dia primeiro de junho de 2013, dos 12 presídios paulistas inaugurados em 2013, 10 já estão superlotados. E a dificuldade de se gerenciar este problema também gera audiência por parte do público. A violência dentro das penitenciárias, a fuga de detentos e as rebeliões que acontecem pontualmente seguem o mesmo padrão. Mas a ressocialização destes indivíduos, que convivem e participam dessas mazelas, é pouco explorada. O fato é ainda mais curioso quando interpretado que a privação da liberdade, além de punitiva, tem também como objetivo principal recuperar este indivíduo no ponto de vista do convívio social.

A carência deste recorte da imprensa e a importância do mesmo foram os principais motivadores para a escolha. Além disso, o cenário de ressocialização nas penitenciárias e os detentos é um tema que oferece símbolos visuais interessantes fotograficamente falando. Outro fator que reforça a escolha é que o assunto já desperta naturalmente o interesse das pessoas.

É inegável a contribuição que a fotografia tem prestado ao jornalismo, dando-lhe mais veracidade e facilitando a compreensão dos fatos. Nunca a fotografia ocupou tanto espaço no noticiário impresso e nomeios de comunicação. A fotografia de imprensa, como obra de arte, tem vida além das páginas de jornais, bastando ver sua enorme utilização em outras áreas, como na publicidade, na pesquisa, etc. A fotografia sobrevive à notícia, ultrapassa até mesmo seu autor, tornando-se patrimônio cultural. (VICENTINI E OLIVEIRA, 2009, p.122).

2 OBJETIVO

O livro mostra como a ressocialização acontece dentro do sistema prisional. O objetivo geral é, por meio de fotografias e com apoio de textos, fazer uma narrativa que descreva o ambiente desse processo, a importância do trabalho e da educação, a fé como um elemento socializador e presente e os símbolos que mostram laços de pertencimento social entre os presidiários.

Partindo desse objetivo, o projeto também contempla, como objetivo específico, contar histórias de vida de seis presidiários que buscam a recuperação através desses mecanismos, que são garantidos por Lei. Outro objetivo específico é mostrar que essa ressocialização acontece e que é possível para aqueles que buscam a recuperação e estão dentro de uma estrutura que proporciona isso. Mais: que a manutenção dos direitos conquistados, como educação e trabalho, são peças-chave.

3 JUSTIFICATIVA

A superlotação de presídios é tema frequentemente veiculado na imprensa brasileira, seja ela impressa ou audiovisual. O problema é evidente e facilmente diagnosticável. De acordo com reportagem do jornal Folha de S. Paulo, do dia primeiro de junho de 2013, dos 12 presídios paulistas inaugurados em 2013, 10 já estão superlotados. E a dificuldade de se gerenciar este problema também gera audiência por parte do público. A violência dentro das penitenciárias, a fuga de detentos e as rebeliões que acontecem pontualmente seguem o mesmo padrão. Mas a ressocialização destes indivíduos, que convivem e participam dessas mazelas, é pouco explorada. O fato é ainda mais curioso quando interpretado que a privação da liberdade, além de punitiva, tem também como objetivo principal recuperar este indivíduo no ponto de vista do convívio social.

A carência deste recorte da imprensa e a importância do mesmo foram os principais motivadores para a escolha. Além disso, o cenário de ressocialização nas penitenciárias e os detentos é um tema que oferece símbolos visuais interessantes fotograficamente falando. Outro fator que reforça a escolha é que o assunto já desperta naturalmente o interesse das pessoas. A escolha do fotojornalismo acontece primeiramente pela vocação e interesse dos autores do projeto. Ambos pesquisam e praticam fotografia há mais de quatro anos, com trabalhos autorais distintos durante este tempo. No entanto, a área do fotojornalismo

voltado para o documentário de determinado tema é o meio jornalístico que mais agrada aos dois. Logo, a possibilidade de fazê-lo foi de imediato decidido.

É inegável a contribuição que a fotografia tem prestado ao jornalismo, dando-lhe mais veracidade e facilitando a compreensão dos fatos. Nunca a fotografia ocupou tanto espaço no noticiário impresso e nos meios de comunicação. A fotografia de imprensa, como obra de arte, tem vida além das páginas de jornais, bastando ver sua enorme utilização em outras áreas, como na publicidade, na pesquisa, etc. A fotografia sobrevive à notícia, ultrapassa até mesmo seu autor, tornando-se patrimônio cultural. (VICENTINI E OLIVEIRA, 2009, p.122)

No entanto, a segunda motivação é a que fundamenta parte da escolha do tema. No início do projeto, a ideia era de fotografar moradores de áreas de risco no Grande ABC. Depois, o tema passou para uma abordagem mais conceitual sobre o que é risco e sua relação com as pessoas, novamente no Grande ABC. Para os dois temas, foi levado em conta principalmente se ele é capaz de fornecer material visual suficiente e interessante para a produção de um livro. Esse requisito foi preenchido, mas a dificuldade em se encontrar informação precisa e oficial no primeiro tema e a complexidade de se trabalhar o segundo inviabilizaram ambos.

O repórter fotográfico tem uma função social, como jornalista e como artista, transmitindo conhecimento e provocando nossos sentimentos. Jornalista ou artista? Não importa. O resultado de seu trabalho, informação ou arte, geralmente ambos, é projeção de seu ser, integra sua personalidade, merecendo reconhecimento e proteção. (VICENTINI E OLIVEIRA, 2009, p.122)

Por meio de uma das fontes consultadas para um terceiro tema, que seria pertencimento social, foi que encontramos e decidimos por ressocialização de presidiários. O fotojornalismo se adequa ao tema por conta da riqueza de símbolos visuais que se encontram neste universo. Para exemplificar, podemos usar um espaço físico. Uma sala de aula em uma escola qualquer fala apenas de educação. Já o mesmo ambiente dentro de um presídio trata da oportunidade e do direito de um presidiário em recuperação.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Por meio da jornalista Joyce Kassim e do sociólogo Fernando Gomes de Moraes, nasceu a possibilidade de se explorar o ambiente do sistema penitenciário do ponto de vista da ressocialização do presidiário. Diante da burocracia do Governo do Estado de São Paulo, a saída foi buscar as autorizações necessárias para se fotografar através da Fundação de

Amparo ao Preso (FUNAP), que assim como outras instituições, é vinculada à Secretaria de Administração Penitenciária (SAP) para desenvolver trabalhos sociais dentro dos presídios. O tema foi fechado com a orientadora Lilian Crepaldi em agosto e as autorizações legais necessárias estavam em processo de aprovação. Neste mês, pesquisamos sobre a situação do sistema prisional e de como a ressocialização acontece nele.

De acordo com informações públicas da SAP, hoje o Sistema Prisional Paulista abriga por volta de 209 mil presidiários. Estes apenados, como são tratados dentro do sistema, são divididos entre 157 unidades prisionais espalhadas pelo Estado de São Paulo, sob responsabilidade da própria pasta. Esta rede é a maior população prisional do Brasil, quando comparada com os outros estados. Se levado em conta o número total de presidiários brasileiros, São Paulo corresponde a cerca de 1/3 da massa carcerária. Para abrigar esse contingente, existem seis modelos diferentes de presídios, cada qual com suas especificidades. Elas foram construídas ou adaptadas para receber detentos pelo tipo de crime que foram condenados, por sexo ou por características especiais.

A estrutura mais numerosa é a das penitenciárias. Ao todo, são 77, sendo 69 masculinas e sete femininas. As penitenciárias abrigam apenados do regime fechado e têm, em média, capacidade para 768 detentos cada.

Os Centros de Detenção Provisória (CDPs), são responsáveis por abrigar acusados que aguardam o julgamento de seus processos e não obtiveram o direito de esperar em liberdade. Eles ficam lá até a decisão judicial. São 40 unidades, também com capacidade para, em média, 768 presos provisórios.

Os Centros de Ressocialização (CR) somam 22 unidades em todo o Estado e oferecem uma proposta de maior integração com a sociedade. A capacidade média de cada unidade é de 210 reeducandos e possui estrutura mista: regimes fechado, semiaberto e provisório.

As unidades de regime semiaberto são denominadas Centro de Progressão Penitenciária (CPP) e têm capacidade média de 1048 detentos. Neste regime os detentos têm a oportunidade de trabalhar ou estudar fora da unidade prisional, como forma de reintegração com a sociedade.

Além disso, o estado de São Paulo conta com 3 Hospitais de Custódia e Tratamento Psiquiátrico (HCTP), localizados nas cidades de Franco da Rocha (2 unidades) e Taubaté, na região do Vale do Paraíba. Estes hospitais são responsáveis por abrigar apenados que cumprem medida de segurança.

Por fim, há uma unidade denominada Centro de Readaptação Penitenciária, que possui Regime Disciplinar Diferenciado (RDD), localizada em Presidente Bernardes, na região Oeste do estado.

Para a realização deste livro, foram visitadas oito unidades administradas pela SAP e um presídio militar, administrado pela Secretaria de Segurança Pública e destinado exclusivamente ao cumprimento de pena de policiais militares.

As unidades visitadas foram: Presídio Militar Romão Gomes, em São Paulo; CPP de Hortolândia; Penitenciária II de Sorocaba; Penitenciária Feminina I de Tremembé; Penitenciária Feminina II de Tremembé; Penitenciária I de Mirandópolis; Penitenciária II de Mirandópolis; Penitenciária de Andradina e Penitenciária Feminina de Campinas.

Para reforçar a reflexão, os dois fotógrafos se basearam em obras voltadas a discussão filosófica da fotografia. A primeira autora a ser consultada foi a filósofa americana Susan Sontag. No livro *Sobre Fotografia*, ela fala sobre como a onipresença da fotografia na sociedade atual influencia na forma como ela na interpretação do mundo. Para ela, é como se a humanidade continuasse dentro da caverna de Platão, com imagens da verdade. E a presença constante da fotografia no cotidiano altera a vida dentro caverna, ou seja, a vida no nosso mundo. Sontag coloca a fotografia como um novo código visual, que altera e amplia o nosso critério sobre o que é belo ou impróprio. “Por fim, o resultado mais extraordinário da atividade fotográfica é nos dar a sensação de que podemos reter o mundo inteiro em nossa cabeça – como uma antologia de imagens”. (Sontag, 2004, p.13)

Outro autor consultado foi Vilém Flusser. Em sua obra “*Filosofia da Caixa Preta*”, ele faz uma análise conceitual sobre o ato fotográfico, desde o conceito de imagem até a distribuição da fotografia e a recepção do público.

Segundo ele, fotografia é imagem técnica produzida por um aparelho. Justamente por isso, as fotografias se tornam diferentes das imagens tradicionais, como a pintura e o desenho. Do ponto de vista histórico, as imagens tradicionais precedem os textos, enquanto a imagem técnica sucedem. Além disso, há a diferença ontológica.

Partindo dessas diferenças, Flusser (2002) divaga também sobre como o leitor interpreta as fotografias. O observador confia nas imagens técnicas ao ponto de enxergá-las como janelas, e não mais meras imagens. Para Flusser, haverá um futuro em que as imagens irão substituir os textos, o que para ele, são “conseqüências altamente perigosas” (FLUSSER, 2002, p.14).

Essa objetividade que as imagens técnicas proporcionam é encarada como ilusória, pois as imagens técnicas são simbólicas assim como as imagens tradicionais. Necessitam de interpretação e que seus códigos sejam decifrados por quem deseja captar o significado. A fotografia é fruto da imaginação codificada e decifrar este código seria reconstruir o pensamento e a ideia do fotógrafo.

Na imagem tradicional, há um “agente humano” mais evidente para o observador. Assim como o fotógrafo, ele elabora uma ideia e usa de uma técnica para expressá-la, levando o observador a tentar decifrar o que estava na cabeça do autor. No entanto, na imagem técnica, esse processo não tem o mesmo resultado de reflexão. Na opinião de Flusser, isso acontece por causa da complexidade que há na relação do operador com o aparelho, levando o leitor a ignorar o processo codificador. Outro autor consultado foi Vilém Flusser. Em sua obra “Filosofia da Caixa Preta”, ele faz uma análise conceitual sobre o ato fotográfico, desde o conceito de imagem até a distribuição da fotografia e a recepção do público.

Segundo ele, fotografia é imagem técnica produzida por um aparelho. Justamente por isso, as fotografias se tornam diferentes das imagens tradicionais, como a pintura e o desenho. Do ponto de vista histórico, as imagens tradicionais precedem os textos, enquanto a imagem técnica sucedem. Além disso, há a diferença ontológica.

Partindo dessas diferenças, Flusser (2002) divaga também sobre como o leitor interpreta as fotografias. O observador confia nas imagens técnicas ao ponto de enxergá-las como janelas, e não mais meras imagens. Para Flusser, haverá um futuro em que as imagens irão substituir os textos, o que para ele, são “conseqüências altamente perigosas” (FLUSSER, 2002, p.14).

Essa objetividade que as imagens técnicas proporcionam é encarada como ilusória, pois as imagens técnicas são simbólicas assim como as imagens tradicionais. Necessitam de interpretação e que seus códigos sejam decifrados por quem deseja captar o significado. A fotografia é fruto da imaginação codificada e decifrar este código seria reconstruir o pensamento e a ideia do fotógrafo.

Na imagem tradicional, há um “agente humano” mais evidente para o observador. Assim como o fotógrafo, ele elabora uma ideia e usa de uma técnica para expressá-la, levando o observador a tentar decifrar o que estava na cabeça do autor. No entanto, na imagem técnica, esse processo não tem o mesmo resultado de reflexão. Na opinião de

Flusser, isso acontece por causa da complexidade que há na relação do operador com o aparelho, levando o leitor a ignorar o processo codificador.

Também foram pesquisados trabalhos autorais de fotógrafos, para basear a referência visual e de linguagem. Foram selecionados profissionais com perfis diferenciados, para que cada um contribua de forma diferente e exclusiva para o tema.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Trata-se de fotojornalismo, publicado na forma de um livro, que conta com 146 fotografias e 10 textos, ao longo de 120 páginas. A pesquisa reuniu mais de 2 mil imagens captadas dentro do sistema prisional.

O livro conta com uma introdução, que apresenta uma visão geral do sistema penitenciário paulista e aspectos gerais do livro. Em seguida, o livro se divide em duas partes principais: a primeira, intitulada Cárceres, explora o ambiente das penitenciárias. Suas estruturas físicas, locais de trabalho, estudo, manifestações culturais. Esta primeira parte encontra-se dividida em cinco assuntos e cada um deles conta com um texto de abertura para que, então, as fotos sejam apresentadas.

6 CONSIDERAÇÕES

Ao final do trabalho, consideramos nosso objetivo alcançado. Conseguimos superar as dificuldades encontradas e obtivemos um resultado satisfatório e finalizamos nosso TCC com a sensação de dever cumprido.

Durante a realização do projeto não enfrentamos grandes desentendimentos, nem entre os integrantes do grupo, nem com a orientadora. Todas as discordâncias, embora raras, foram solucionadas com tranquilidade.

Podemos considerar que não houve grande apoio por parte da Universidade em si, uma vez que a disciplina de fotojornalismo não foi satisfatoriamente desenvolvida durante o curso e não há grande investimento em equipamentos para a realização desta prática. Provável motivo pelo qual, até então, não existia nenhum TCC neste formato na instituição.

Considerando todos estes fatores, o relacionamento entre os integrantes do grupo, o ótimo relacionamento com a orientadora, as dificuldades superadas, as experiências

vivenciadas durante a realização do trabalho e o resultado alcançado, podemos afirmar que estamos orgulhosos do que foi produzido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. **A câmara clara:** Nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994. 185 p.

BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso.** São Paulo: Edições 70, 1982. 261 p.

BRASIL. **Código de Processo Penal.** 44. ed. São Paulo: Saraiva, 2004. 1064 p.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da Caixa Preta:** Ensaio para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume-dumara, 2002. 82 p. (Conexões).

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir:** história da violência nas prisões. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 1987. 185 p.

OLIVEIRA, Erivam Moraes de; VICENTINI, Ari. **Fotojornalismo:** uma viagem entre o analógico e o digital. São Paulo: Cengage Learning, 2009. 185p.

SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia.** São Paulo: Companhia Das Letras, 2004. 233 p.